



**Jango e o
debate
historiográfico:
definindo novas
perspectivas**

Barbara Goulart¹

Resenha

Obra:

**Jango e o debate
historiográfico:
definindo novas
perspectivas.**

Ângela de Castro Gomes e
Jorge Ferreira.
Rio de Janeiro: FGV, 2007.

¹ Escola Superior de Ciências Sociais / FGV,
Rio de Janeiro (RJ).

O livro *Jango e o debate historiográfico: definindo novas perspectivas* de Ângela de Castro Gomes e Jorge Ferreira apresenta uma posição original em relação à figura de um dos presidentes menos estudados de nosso país, contribuindo então no processo de revisão de um dos paradoxos da historiografia brasileira: apesar de João Goulart ser o presidente em exercício durante um evento considerado dos mais marcantes da História do Brasil no século XX, poucos historiadores se dispuseram a analisar a sua figura. Quando é estudado, limitam-se a pensá-lo dentro da perspectiva da teoria do populismo, largamente difundida por Francisco Weffort, em que seu governo é considerado o marco do processo que culminou no golpe de 1964. Recentemente, muitos historiadores vêm criticando essa análise teleológica do governo de Jango.

Em 2007 o livro publicado pela Fundação Getúlio Vargas veio se juntar a esta curta, porém controversa bibliografia sobre o presidente João Goulart. O livro é resultado do projeto de pesquisa *Direitos e Cidadania*, do Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex), apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) durante os anos de 2004 a 2006. As 275 páginas da obra relatam a vida de João Belchior Marques Goulart, desde a adolescência até a sua morte (hoje muito discutida se teria sido consequência de um simples infarto ou de uma conspiração militar promovida pela Operação Condor).

Na apresentação do livro os próprios autores afirmam que Jango é um presidente esquecido ou lembrado em “chave muito crítica/negativa”. Eles afirmam, portanto, que tem como objetivo questionar essa idéia de “não-lugar” de Goulart, dando espaço para memórias subterrâneas sobre aquela figura, para que se possa melhor conhecê-lo. Assim sendo, os autores pretendem estudar as “múltiplas faces” do presidente, isto é, estudá-lo em sua pluralidade, tentando compreender as diversas perspectivas relacionadas aos estudos que contemplam a sua figura. Para que isso seja possível, o livro é recheado de entrevistas. Entre os entrevistados, podemos citar Hugo de Faria, chefe do gabinete civil da Presidência da República; Raul Ryff, secretário de imprensa do governo Goulart; Abelardo Jurema, Ministro da Justiça; Almino Afonso, Ministro do Trabalho; dentre outros. É possível perceber a presença de atores dos mais diversos espectros políticos e ideológicos, que participaram de uma forma ou de outra da vida de João Goulart, concordando ou discordando de suas posições. Parte das entrevistas usadas integra o acervo de História Oral do CPDOC, e a outra parte diz respeito a um conjunto de novos depoimentos produzidos ao longo dos dois anos de pesquisa.

O início da obra é mais descritivo, revelando apenas a grande capacidade empresarial de Jango em trabalhar no campo, comprando e vendendo terras, engordando

bois e plantando arroz. A seguir é relatado o início da amizade entre Jango e Getúlio e como eles se aproximaram após o fim do Estado Novo e o seu retorno a sua fazenda em São Borja. Nesse capítulo podemos perceber que o relacionamento entre os dois era profundamente pessoal, antes mesmo de político, primeiro por causa das ligações entre as duas famílias e depois pelo profundo carinho e respeito que existia entre os dois gaúchos. O processo de socialização política de Jango não é tratado em detalhes; embora se saiba que as longas conversas entre ele e Vargas resultaram na sua filiação ao Partido Trabalhista Brasileiro, o PTB, pouco tempo depois.

Getúlio Vargas teria transformado Jango, um fazendeiro formado em Direito, inicialmente não muito interessado em política, em uma das figuras centrais de um dos maiores partidos do Brasil. Tornou-se presidente do partido e depois Ministro do Trabalho no segundo governo Vargas, cargo muito importante na época. O episódio do suicídio de Getúlio em 1954 é pouco tratado, sendo apenas comentado brevemente pelos autores. A carta testamento entregue por Vargas para Jango é mencionada por alguns entrevistados, mas os autores não se ocupam muito desse documento. A formação da imagem de Jango como herdeiro do legado de Vargas seria muito mais consequência de um longo processo de proximidade política, do que o resultado de uma única carta.

A sombra de Getúlio permanece por trás de toda a obra, justificando a sua simpatia com as esquerdas e sua concordância com a necessidade de reformas fundamentais para o verdadeiro desenvolvimento do país. Durante toda a leitura é possível perceber a constante presença de duas forças influenciando Jango: os “políticos moderados” e a “esquerda radical”; termos utilizados pelos autores. Amigos de centro e centro-esquerda incentivavam Jango a promover as reformas, mas de forma lenta e gradual, obtendo apoio em setores mais conservadores como o PSD. Os grandes representantes dessa linha eram San Tiago Dantas e Tancredo Neves. A “esquerda radical” tinha como figura central o governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, fundador da FMP, Frente de Mobilização Popular, que reunia “comunistas de extrema esquerda”, revolucionários e muitos sindicalistas da CGT, a Central Geral dos Trabalhadores. Este grupo acreditava na implantação de reformas de maneira radical, “na marra”, mesmo que para isso fosse necessário o uso das armas.

Durante muito tempo Jango logrou conciliar esses dois grupos, obtendo apoio em ambos os setores, apesar de freqüentes protestos. A grande dificuldade de Jango parece ter sido procurar realizar um governo baseado em conciliação e liberdade política, em um momento fadado à radicalização. Desde o governo Vargas, houve diversas possibilidades de golpe, uma delas teria inclusive provocado o suicídio de Vargas. Outras tentativas teriam ocorrido durante o governo de Juscelino Kubitschek e outra após a renúncia de Jânio Quadros.

É interessante perceber também como o livro relata a participação de Jango nos

bastidores dos momentos mais marcantes na história do país. Um de seus papéis muito esquecido em outras análises históricas foi sua atuação como vice-presidente da república. Vários entrevistados afirmam o papel fundamental exercido por Jango durante o governo de Juscelino, onde teria liderado negociações que ajudaram a diminuir o número de greves e rebeliões promovidas pelos trabalhadores e sindicalistas; o que seria possível em um governo de um presidente que, segundo os entrevistados, várias vezes preferia apoiar os industrialistas em vez do operariado. Na análise do governo de Jânio Quadros abre-se a possibilidade de que o presidente teria mandado o seu vice para a China propositadamente. Por ser a um lugar distante, a visita dificultaria sua volta após a renúncia de Quadros, já planejada com antecedência, e, por se tratar de um país comunista, colocaria a opinião pública conservadora contra Jango. Isso possibilitaria um golpe a favor de Jânio e contra Jango.

Porém, o momento mais importante no livro é claramente aquele que analisa as causas do golpe de 1964. Nesse momento as entrevistas se tornam mais calorosas, revelando versões até então desconhecidas para os acontecimentos. Alguns entrevistados afirmam que o problema teria sido o radicalismo natural das políticas de Jango, outros afirmam que o radicalismo foi conseqüência da crescente influência de Brizola na vida de Jango, minando as possibilidades de conciliação com os setores mais conservadores. Outros ainda atribuem o golpe a falta de capacidade de liderança de Jango e sua fraqueza política.

Uma das questões mais importantes levantadas foi a crescente falta de vontade de Jango governar. Por ter seus poderes restritos durante grande parte de seu governo, principalmente por causa da emenda parlamentarista, que aceitou a contragosto, ele sabia das dificuldades em implementar seus planos considerados grandiosos para a época, representados pelas Reformas de Base. Outro fator que contribuía para isso era que, apesar de muitos saberem da iminência de um golpe, poucos ou ninguém sabia das conseqüências duradouras do regime repressivo implantado em 1964. Assim, a maioria pensava que aconteceria a Jango o que aconteceu com Getúlio em 1945, quando este foi obrigado a permanecer em exílio político em São Borja por cinco anos antes de voltar à cena política com sua reeleição. Portanto, não era possível saber da importância daquele momento para a história do Brasil, nem como as menores ações resultariam no fim da democracia e na instauração do regime mais violento na história brasileira.

É possível destacar vários momentos que teriam sido o ponto final para a solução democrática e a definitiva movimentação para um golpe de Estado. Um deles teria sido a revolta dos sargentos contra as autoridades militares, que não teria sido necessariamente apoiada por Goulart, mas definitivamente não foi criticada ou punida por ele. Isso teria iniciado a ira dos militares da alta patente. A seguir, Jango teria estado presente na

solenidade de posse da nova diretoria dos sargentos, mostrando convivência com os revoltosos. Outro momento de inflexão foi o Comício da Central do Brasil, onde para alguns Jango teria radicalizado seu discurso, incentivando reformas imediatas, o que teria sido interpretado pelos militares como apoio a medidas violentas e autoritárias para implementar uma suposta República Sindicalista. Outros entrevistados rechaçam essa teoria de radicalismo de Jango, acreditando que ele era muito mais um homem de centro, que teria partido para a esquerda por influência dos sindicalistas e comunistas do CGT e pela grande influência de Brizola; e também pela falta de apoio às reformas de base dentro do PSD.

O golpe é relatado como fato inevitável, consequência das crescentes perturbações durante o governo Goulart. Poucas dessas perturbações poderiam ter sido evitadas por ele, pois outras muitas foram promovidas por atores diversos, como as “esquerdas radicais”, os “militares conspiradores”, os “civis conservadores”, etc. O fim de Jango em seus anos de exílio aponta o fim da obra, com Goulart afirmando sempre a sua vontade em voltar ao país e as articulações que tentou fazer para que isso fosse possível. A mais notória foi a Frente Ampla, que reunia um grupo ambíguo formado por Juscelino, Jango e Carlos Lacerda. Esse último, um udenista inveterado e grande inimigo de Jango, que havia apoiado a instauração da ditadura; mas que depois foi excluído por ela própria. A Frente não se consolidou, tendo sido definitivamente extinguida pela promulgação do famoso AI-5. Jango morreu no exílio e acabou voltando ao Brasil apenas dentro do caixão.

Apesar de expor opiniões de diversos atores, contra e a favor de Jango, é possível perceber claramente nos autores certa simpatia pelo presidente deposto, mostrando-o como um homem que tinha uma proposta interessante para a nação, mas que teria sido engolido por um processo, rápido e sem volta, de inflexibilidade política e situações difíceis de se resolver por meios conciliatórios. É interessante pensar no momento de produção do livro. Em uma época de consolidação democrática, onde a própria esquerda tenta se mostrar mais moderada, a violência é condenada e atitudes conciliatórias são muito mais valorizadas do que seriam em obras escritas há algumas décadas atrás, onde as soluções vistas como mais viáveis eram quase sempre as mais radicais.

Sendo sempre criticado por ser conciliador demais, ou radical demais, aqui a capacidade de Jango de negociar é elogiada diversas vezes pelos entrevistados, pois teria evitado desgastes maiores e situações violentas. Apesar disso não ser dito explicitamente, é possível perceber no livro uma posição crítica em relação à atuação de Leonel Brizola, claramente próxima ao pensamento político atual, onde o radicalismo e a violência são condenados. Por incentivar a intolerância, Brizola teria prejudicado imensamente o governo de Jango. Ele teria inclusive estimulado o presidente a pegar em armas e lutar contra a sua deposição, mas Jango preferiu o não-derramamento de sangue, indo se refugiar em Montevideú. Aliás, o livro também questiona a visão de covarde que muitos têm do

presidente, pois na época era impossível prever que uma ditadura de mais de 20 anos se instalaria no país. As divergências entre Brizola e Goulart se tornam mais evidentes no exílio, período no qual ficaram doze anos sem se falar.

O livro tem um caráter fortemente didático, sendo uma ótima pedida para quem pouco sabe sobre o período. Por ser organizado em ordem cronológica e ser escrito em linguagem coloquial, se torna fácil entender os fatos importantes na vida de João Goulart. Se é fácil entendê-los, é difícil explicá-los. Entretanto, se o livro não dá respostas, ele certamente preenche o leitor de perguntas. Como o livro se propõe a analisar Jango em sua pluralidade, diversas versões sobre ele são confrontadas; muitas são contraditórias, muitas concordam entre si e muitas se refutam. Porém, é um livro sintético, que não tem como proposta a discussão das políticas específicas do governo, como, por exemplo, o Plano Trienal e a Lei de Diretrizes e Bases de Educação. Portanto, muito ainda se pode fazer para compreender a figura de João Goulart.